



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.1.210-216>

Dossiê



Vozes urbanas: narrando experiências nas e sobre as cidades

Pedro Vagner Silva Oliveira, Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, bolsista Capes/Proex, Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo, graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí, pdrovagner@gmail.com

História oral e direito à cidade: paisagens urbanas, narrativas e memória social. MAIA, Andréa Casa Nova (org.). São Paulo: Letra e Voz, 2019.

Submissão: 2021-04-08. **Aprovação:** 2021-05-13. **Publicação:** 2021-05-31.

Lançado em 2019 pela Letra e Voz, editora que vem publicando obras cujo escopo é a História oral, as oralidades, e estudos da memória, o livro *História oral e direito à cidade*, organizado por Andréa Casa Nova Maia, professora da UFRJ, e atual presidenta da ABHO, é um volume interessante e vigoroso que faz parte da coleção *História oral e dimensões do público*, dirigido pela professora Juniele Rabêlo de Almeida (UFF). Da mesma forma que a História oral foi o caminho percorrido pelas outras obras da mesma coleção e que abordaram a arte, a comunidade, a mídia, a natureza, e a história das mulheres, o livro aqui resenhado não foi diferente - por meio da “arte da escuta” (PORTELLI, 2016), pesquisadores (as) e narradores (as) documentaram as mais variadas experiências urbanas.



Em *História oral e direito à cidade*, a cidade, ou melhor, as cidades são contadas e recontadas a partir das pessoas que nelas vivem. Se dado o atual cenário mundial que vivemos por causa da pandemia do Covid-19 viagens e deslocamentos são desaconselhados, a obra em questão nos transporta para diversos lugares, apresentados por quem melhor os conhece: seus habitantes. A partir de cada um dos dez textos que compõem o livro, podem ser ouvidas as vozes oriundas dos espaços urbanos: ruas, bairros, praças e praias. Também são compartilhados os gritos pelo direito à moradia, pelo direito à cidade, pelo direito de ser e de exercer a cidadania, bem como as expressões artísticas que denunciam os problemas sociais urbanos. Assim, as narrativas desse livro, nos permitem conhecer e reconhecer os modos como moradores e moradoras de cidades brasileiras e estrangeiras, vivem, rememoram e contam o lugar em que nasceram, viveram, cresceram, mudaram, constituíram família e criam vínculos afetivos.

Para começar nossa viagem, no primeiro capítulo, a antropóloga Inkeri Aula juntamente com a professora da UFMG, Regina Helena Alves da Silva, nos apresentam as memórias de Turku, uma cidade portuária da Finlândia. Por meio da estimulante metodologia da caminhada sensobiográfica, conhecemos melhor essa cidade a partir das memórias, da sensibilidade e dos afetos de duas de suas moradoras, Anna, estudante secundarista, e de Helena, idosa nascida em Turku nos anos 1930. A caminhada sensobiográfica é uma proposição pertinente - essa metodologia extrapola os limites da oralidade, preocupando-se com as experiências multissensoriais. Ao fazer Anna e Helena andarem pelas ruas de Turku, quebra-se o sedentarismo das entrevistas. Dessa forma, ambas rememoram a partir da indução de memórias corporais. Recordamos, pois as situações que vivenciamos “implicam o próprio corpo e o corpo dos outros” (RICOEUR: 2000, 53) e pelo espaço do qual vivemos e habitamos. Destarte, as reminiscências são evocadas a partir do deslocar-se, da caminhada pelas vias públicas e pelas artérias urbanas. A questão geracional toma forma e se faz a partir das trocas de experiências. Por meio dessas andanças, o narrador ou/e a narradora, a partir de uma entrevista reflexiva por cada lugar percorrido, comenta, narra e descreve as transformações ocorridas no tecido urbano ao longo da vida de quem as experienciou.

Ainda sobre a Europa, mas nos transportando para Lens, na França, e São Pedro da Cova, em Portugal, Hanane Idihia, socióloga, e Philippe Urvoy, historiador, ouvem as narrativas sobre as lutas urbanas nessas duas cidades mineradoras. Nesse tipo de cidade, há

certas particularidades que devem ser levadas em conta e jamais silenciadas: as companhias de mineração quase são transformadas, senão, ficam próximas a terem funções administrativas locais; por sua vez, moradores e empregados, por um triz, não são faces da mesma moeda. A relação da empresa entre a extração de matéria prima e entre os habitantes das cidades mineradoras é marcada pela fragilidade (finitude do recurso explorado) e pelos impactos socioambientais nessas cidades. Em meio a esse panorama, Idihia e Urvoy em uma pesquisa de fronteira entre história social e antropologia, usaram a história oral para entender a construção e a transmissão da memória coletiva em Lens e São Pedro da Cova, duas das principais cidades produtoras de carvão mineral da França e de Portugal respectivamente. Nas cidades mineradoras a vida é ritmada pela produtividade e exploração, essa temporalidade muda quando a mineração cessa.

No capítulo seguinte, as praias de Florianópolis e Veneza são estudadas a partir do viés comparado. Nesse texto escrito por Gisele Palma Moser e Marcos Montysuma, pesquisadores da UFSC, é feita uma análise histórico-sociológica sobre como as praias de ambas as cidades foram construídas socialmente ao longo dos anos e ganharam no tempo presente, a imagem de balneário turístico que atrai gente de vários cantos do mundo. Ao cotejar fontes hemerográficas com entrevistas feitas entre moradores e moradoras das praias de Veneza e Florianópolis, os autores conseguiram entender as diversas percepções de espaços praianos e suas mudanças históricas. Da mesma forma que o texto de Moser e Montysuma, outros desse volume nos lembram que nem só de pedra, asfalto e concreto uma cidade é erigida e rememorada, mas também de natureza. Desse modo, a praia está diretamente relacionada à cultura e ao modo de viver urbano.

O próximo texto, intitulado Narrativas na Babilônia, da lavra de Lise Sedrez e Natasha Barbosa, a primeira, professora, e a segunda, mestranda da UFRJ, a natureza prossegue sendo um tema de relevância quando se estuda as cidades. Aliando História ambiental - disciplina que trouxe para a historiografia as relações entre sociedade e mundo natural - e História oral, as historiadoras buscaram compreender a interação da comunidade do Morro da Babilônia, na cidade do Rio de Janeiro, com o espaço biofísico o qual seus moradores estão inseridos. Tendo como recorte de 1985 a 2015, Sedrez e Barbosa a partir das narrativas orais documentaram o direito à cidade e à natureza urbana da comunidade em questão. As memórias dos homens e mulheres entrevistados foram cotejadas com

jornais, resultando numa rica narrativa sobre como os moradores ocuparam o espaço que hoje vivem e, em um mutirão, reflorestaram o morro.

Mario Brum e Luciene Carris nos apresentam outras facetas da “cidade maravilhosa”. Esses historiadores se debruçaram sobre as memórias de moradores operários que foram removidos da Gávea, Leblon e Jardim Botânico. Pedimos licença para fazer um breve paralelo. Numa passagem sobre a inflação alemã e seus efeitos na cidade, Walter Benjamin afirmou que ser pobre não era desonra, “no entanto, desonram o pobre” (BENJAMIN: 1994, 22). Para o intelectual era desonra a forma como muitos alemães empobreciam e eram humilhados. Guardadas as devidas particularidades entre a Berlim de Benjamin, e o Rio de Janeiro, Brum e Carris trazem à tona o importante debate sobre os processos de valorização e gentrificação da Zona Sul carioca. Essa discussão nos faz refletir sobre as cidades em que vivemos, e de como o espaço urbano é constantemente (re) ocupado e (re) escrito, apagando, silenciando e removendo experiências, histórias, memórias e sujeitos, principalmente da classe trabalhadora e dos mais pobres.

O sexto capítulo, escrito pela organizadora, Andrea Casa Nova Maia faz uma reflexão a partir das narrativas e de imagens sobre a cidade experienciada por skatistas que compõem o Coletivo XV. Criado com o objetivo de lutar pelo direito de andar de skate na Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, a historiadora documenta as sobreposições de memórias desse espaço, sua normatização pela prefeitura, e os movimentos de ocupação. A discussão tem como base a luta pelo direito à cidade e o modo como se usufrui do espaço urbano por quem pratica o skateboarding. Nessas páginas que se seguem, compreendemos melhor as disputas acerca da disciplina da paisagem urbana e de seus logradouros, e como o skate subverte, contesta o poder, fazendo outros usos da urbe, transformando lugares públicos em espaços de socialização e lazer por seus praticantes.

Ainda sobre o tema conquistas e lutas, a historiadora Flavia Ribeiro Veras escreveu um precioso texto que debate a acessibilidade a serviços e espaços públicos na capital fluminense por pessoas trans e travestis. Veras, a partir da narrativa da professora secundarista e ativista Daniele Balbi - mulher trans, negra e periférica - juntamente com dados sobre violência e assassinato da Associação Nacional de Travestis e Transexuais-ANTRA, documentou experiências e lutas que a historiografia aos poucos vem se ocupando. Nesse artigo, as narrativas de Dani Balbi, que na época da pesquisa era ainda doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ, militante do Partido Comunista do Brasil

(PCdoB) e ativista em grupo LGBTI, dão conta de como ela usa sua posição e espaços conquistados para lutar e reivindicar direitos e pautas para a melhoria de vida das pessoas negras, LGBTs, mulheres e moradores da periferia, buscando políticas de inclusão e asseguramento de cidadania a esses grupos, bem como vida digna e de acesso a espaços públicos e serviços, que embora sejam assegurados por lei, nem sempre ocorrem na prática.

No oitavo capítulo, deixamos o Rio de Janeiro e conhecemos um pouco mais de Belo Horizonte por meio das vozes dos muros. Em *O pixo como ação política*, Álan Oziel da Silva Pires buscou entender tanto por meio da História oral, quanto pelos pixos, a trajetória das pixações na capital mineira na baliza temporal que vai desde os anos 1980 até o tempo presente. No estudo desse historiador, a cidade transforma-se em grande arquivo no qual os muros, paredes, marquises de lojas e topos de prédios são suportes de fontes - os pixos - pouco convencionais, mas que podem suscitar novos problemas aos historiadores e historiadoras. As pixações resguardam temporalidades, elas são construções históricas, nesse sentido, os indivíduos que as fazem compartilham memórias. O autor sustenta que essa forma de escrita urbana denuncia problemas sociais, portanto, possuem caráter político - agindo como forma de manifestação referente a alguma intervenção do poder público na cidade -, podendo ainda ser compreendida enquanto forma de arte.

Ecléa Bosi chamou atenção ao afirmar que “a sobrevivência de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade” (BOSI: 2003, 206). Entre transformação e resistência, a cidade é cotidianamente vivida, sendo, portanto, um campo de tensão. Nesse sentido, os dois últimos capítulos do livro, ainda que tratem de grupos distintos, possuem ressonâncias, a importância do enraizamento para a ligação identitária e afetiva dos grupos que habitam as cidades.

Dando continuidade ao nosso passeio por Belo Horizonte, Denise Pirani e Eduardo Bittencourt apresentam as memórias da Irmandade Os Carolinos, comunidade tradicional inserida no bairro Aparecida. Por meio de um projeto de extensão universitária interdisciplinar que contou com a participação de estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, e Ciências Sociais da PUC Minas, essa irmandade, formada atualmente por nove famílias foi visitada, acompanhada e tornou-se grupo privilegiado por esses universitários para a compreensão de estudos sobre o direito à cidade. A ação dos estudantes deu-se no sentido de valorizar e reconhecer tanto a memória, quanto o

patrimônio dos Carolinos. A História oral permitiu documentar outras experiências urbanas em Belo Horizonte. As afetividades com o riacho, hoje poluído e transformado em córrego, e enraizamento, tão importante para a manutenção dos afetos e práticas cotidianas dessa comunidade, nos fazem ouvirmos outras formas de lidar com o território, mesmo em uma grande cidade.

Por fim, Karla Bilharinho Guerra operou a partir da história de vida, o conceito de enraizamento, da filósofa Simone Weil. Por meio de entrevistas com moradores de Belo Horizonte que habitam o mesmo lugar por muito tempo, a arquiteta discutiu como o enraizamento, algo tão incomum nestes tempos acelerados, em que as coisas logo se tornam obsoletas e descartáveis, é importante para fincar raízes num lugar e faz com que criemos conexões com o espaço. As memórias dos três moradores entrevistados e que foram analisadas no texto, elucidam as transformações ocorridas no lugar, as continuidades, os antigos e novos vizinhos, bem como as práticas urbanas daquele espaço, feitas coletiva ou individualmente.

Portanto, diante do exposto, História oral e direito à cidade é uma obra de grande importância para os estudos da História oral, da memória social, e das cidades. Sua contribuição dá-se tanto por documentar várias memórias, quanto dar ouvidos às diversas vozes, às lutas e demandas dos moradores. Para finalizarmos, evocamos as reflexões de Alessandro Portelli acerca da natureza dialógica do trabalho da história oral. Para o autor, esse trabalho “precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas” (PORTELLI: 2016, 21). Destarte, esse conjunto de escritos cujos autores refletiram sobre as mais diversas experiências urbanas, amplificam os gritos por cidades mais inclusivas. Ao compartilhar tantas histórias, Andrea Casa Nova Maia juntamente com as outras pesquisadoras e pesquisadores, nos fazem não só (re) conhecer vivências nas urbes analisadas, mas também, instiga a cada leitor que pagina o livro, a refletir e buscar conhecer sobre sua própria cidade.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Eclea. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, nº47, p. 198-211, 2003.

- MAIA, Andréa Casa Nova (org.). **História oral e direito à cidade**: paisagens urbanas, narrativas e memória social. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.